



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA DE ARTE
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
PROJETO EXPERIMENTAL

SÂMIA DO NASCIMENTO MARTINS

KABELU:
UM DEBATE MULTIMÍDIA E TRANSMÍDIA SOBRE
NEGRITUDE A PARTIR DO CABELO AFRO

FORTALEZA

2019

SÂMIA DO NASCIMENTO MARTINS

KABELU:

UM DEBATE MULTIMÍDIA E TRANSMÍDIA SOBRE
NEGRITUDE A PARTIR DO CABELO AFRO

Relatório de elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Rodrigues da Costa

FORTALEZA

2019

SÂMIA DO NASCIMENTO MARTINS

KABELU:

UM DEBATE MULTIMÍDIA E TRANSMÍDIA SOBRE
NEGRITUDE A PARTIR DO CABELO AFRO

Relatório de elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Aprovada em: _____ / _____ / _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rafael Rodrigues da Costa (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

M.^a Mayara Carolinne Beserra de Araújo

Prof.^a Dr.^a Denise Ferreira da Costa Cruz
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

A minha família.

Em especial, à Maria Neli, minha mãe, que tornou essa realização possível com tanto esforço. Ser a primeira mulher bacharel e jornalista da família é uma honra.

Ao povo preto que me ajuda a seguir.

AGRADECIMENTOS

Trilhar o caminho da graduação foi extremamente desafiador mas, felizmente, cheguei ao fim. E passar por tudo isso não teria sido possível sem a ajuda de um monte de gente, então nada mais justo do que prestar a minha gratidão.

Aos meus pais, por todo o apoio e sacrifício para eu conseguir estar aqui. Principalmente a minha mãe, por ser exemplo de força e determinação sempre. A minha família, que me orgulha demais e faz questão de celebrar todos os meus ciclos acadêmicos. Preciso, novamente, dedicar um agradecimento especial à outra mulher inspiradora: minha avó, dona Severina Barbosa do Nascimento. Estou me formando, obrigada por estar aqui e fazer parte disso.

Aos meus/minhas professores/as por serem inspiração, pressão e alívio em uma mistura louca durante esse período. Foi (e sempre será) um enorme orgulho aprender e construir tanta coisa ao lado de cada um/a. Grata pelas experiências durante as aulas, em cada "trabalha com isso", "tenta", "acho que você pode melhorar aqui e ali" e "ficou ótimo", que foram essenciais. Agradeço também pelos afetos, sorrisos e cervejas compartilhadas, pois levo para a vida, com certeza, alguns amigos-presentes.

Ao meu orientador Rafael Rodrigues, que foi fonte de muita sabedoria e ousadia para alavancar esse projeto. Obrigada por apostar alto em mim e também dizer que ficaria tudo bem caso algo não desse certo. À banca examinadora que gentilmente aceitou participar desse momento especial da minha graduação. Obrigada também por me presentearem sendo a banca feminina e negra que eu tanto queria.

As minhas amigas incomparáveis. Realmente me faltam palavras para sintetizar o que foi passar esses quatro anos (e meio, para alguns) ao lado de todos vocês. Beatriz Carvalho, Ester Coelho, Fabrício Girão, Grasielly Sousa, Heloísa Vasconcelos, Isabela Santana, Karoline Tavares, Lorena Fonseca e Suzana Mesquita, independente de qualquer subgrupo, os quero muito bem. Os melhores sorrisos, risadas e brigas dedico a nós. A todos os que passaram ou fizeram morada, sendo abrigo, auxílio e inspiração.

Deixo o meu carinho especial para Faruk Cardoso, Grasielly Sousa, Lucas D'Paula, Robson Braga, Suzana Mesquita e William Barros que se fizeram tão solícitos e amigos na elaboração e apoio técnico deste projeto. Vocês foram parte fundamental desse processo, em diferentes aspectos e habilidades.

Aos espaços de construção, desconstrução e construção (novamente) que foram tão presentes e fundamentais. À Liga Experimental de Comunicação, o projeto mais antigo em atividade dentro da Comunicação da UFC e uma das minhas moradas dentro do curso, todo o meu amor e orgulho. Ao Diretório Acadêmico Tristão de Athayde (DATA) pelos chamegos, vivências e militância. À Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação (Enecos) que se faz tão urgente e fundamental para a formação de comunicadores Brasil afora.

Ao Sistema Verdes Mares pela oportunidade de crescimento profissional e pessoal. Vivi grandes momentos dentro e fora da redação, convivendo com muita gente competente, acolhedora e inspiradora. A experiência foi sensacional e por isso sou muito grata.

À turma do Curso de Jornalismo de 2015.1 que permaneceu firme e forte, sendo cúmplice durante toda essa jornada. Sem dúvidas saíram grandes profissionais e admiráveis futuros colegas de trabalho.

Ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC) que me possibilitou muito aprendizado, incontáveis experiências e um crescimento enorme. A força e a potência desse curso inspiram dias melhores, independente de quaisquer percalços.

A todos que ajudaram direta ou indiretamente o Kabelu a virar realidade. Não vou me atrever a citar todos os nomes porque temo fazer injustiça com alguém, mas definitivamente não ando só. Enfim, a todos, o meu muito obrigada!

RESUMO

Para a população negra, o cabelo afro significa muito: autoconhecimento, reafirmação, identidade, resistência, luta. E no Brasil, diante de uma sociedade construída com práticas racistas, esses aspectos ficam ainda mais evidentes, causando conflitos, tensões pessoais e sociais, principalmente para as mulheres negras. Neste contexto, o projeto multimídia e transmídia *Kabelu* explora três esferas temáticas que envolvem o debate sobre cabelos ondulados, cacheados e crespos: cultura, identidade e consumo. Por meio de um site, como plataforma principal, o presente trabalho de conclusão de curso apresenta conteúdos como reportagens, linha do tempo, tabelas, minidocumentário, quiz, crônica e mapa, além de outros gêneros e mídias. Ao discutir a negritude através do cabelo, também foi realizada uma matéria de imersão jornalística na cidade de Redenção, no interior do Ceará, com alunos africanos da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). A ideia foi descobrir como essa relação com o próprio cabelo acontece após a vinda ao Brasil. O *Kabelu* também possui duas matérias genuinamente transmídias: um livreto impresso de contos infantis e um perfil no Instagram sobre transição capilar. Desta forma, pretende fomentar o debate sobre a complexidade do tema, contribuindo para outras pesquisas que pautem o cabelo como um elemento de significativa importância para a cultura do povo preto.

Palavras-chave: Cabelo afro; negritude; cultura; identidade; consumo.

ABSTRACT

For the black population, Afro hair means a lot: self-knowledge, reaffirmation, identity, resistance, struggle. And in Brazil, faced with a society built with racist practices, these aspects are even more evident, causing conflicts, personal and social tensions, especially for black women. In this context, the Kabelu multimedia and transmedia project explores three thematic spheres that involve the debate about wavy, curly and kinky hair: culture, identity and consumption. Through a website, as the main platform, the present work of course completion presents contents such as reports, timeline, tables, minidocumentary, quiz, chronicle and map, as well as other genres and media. In discussing blackness through hair, a journalistic immersion was also carried out in the city of Redenção, in the interior of Ceará, with African students from the University of International Integration of Afro-Brazilian Lusophony (UNILAB). The idea was to discover how this relationship with the hair itself happens after coming to Brazil. The Kabelu also has two genuinely transmissive materials: a printed booklet of children's tales and an Instagram profile about capillary transition. In this way, it intends to foment the debate on the complexity of the subject, contributing to other researches that run the hair as an element of significant importance for the culture of the black people.

Keywords: Afro hair; blackness; culture; identity; consumption.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Capas dos albúms The ArchAndroid (Suites II and III), de 2010, e The Electric Lady, de 2013, da artista Janelle Monáe.....	15
Figura 2 - Pôster do filme Black Dynamite (2009), de Scott Sanders.....	16
Figura 3 - Paleta de cores primárias.....	16
Figura 4 - Paleta de cores secundárias.....	16
Figura 5 - Primeiro esboço da logo.....	17
Figura 6 - Logo final, com e sem fundo.....	17
Figura 7 - Combinação de cores da parte cultura.....	17
Figura 8 - Combinação de cores da parte identidade.....	18
Figura 9 - Combinação de cores da parte consumo.....	18
Figura 10 - Combinação de cores da parte redenção.....	18
Figura 11 - Exemplos de iconografia.....	18
Figura 12 - Acessórios confeccionados para o ensaio editorial.....	19

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	10
1.1.	Empoderamento e ressignificação da identidade afro a partir do cabelo.....	11
2.	JUSTIFICATIVA.....	13
2.1.	Formato.....	13
3.	KABELU.....	15
3.1	Inspirações.....	15
3.2	Projeto Gráfico.....	16
3.3	Divisões.....	18
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
5.	REFERÊNCIAS.....	24

1. INTRODUÇÃO

A história do povo negro no Brasil é atravessada por diversos fenômenos sociais, principalmente pelo mais bárbaro e marcante: a escravidão. A relação entre a construção da sociedade e o reconhecimento legítimo da cultura afro gira em torno de problemáticas e políticas falhas. Dentro desse recorte, é fundamental reconhecer que as raízes afrodescendentes são fortemente criminalizadas e associadas a fatores como marginalidade, perigo, pobreza e ao que não é belo. Assim, o cabelo afro, como parte de um corpo social, é símbolo de uma das mais emblemáticas manifestações de resistência da negritude, à luz do movimento Black Power, nos anos 60.

A representação do negro e da negra na mídia, como em telenovelas e na imprensa, por exemplo, ainda reforçam estereótipos socialmente construídos e naturalizados no Brasil. Papéis de serviçais, favelados, traficantes e malandros são geralmente associados e destinados à pele negra. Esses discursos refletem fortemente na construção da identidade falada por Hall (2003) como

algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. [...] Assim, em vez de falar de identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de *uma falta* de inteireza que é “preenchida” a partir do nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por *outros*. (HALL, 2003, p. 38 - 39).

O reconhecimento de indivíduos, conectados por uma cultura, tem ligação visceral com o meio social ao qual pertencem ou foram inseridos. Dessa forma, é possível afirmar que novas posturas sociais advindas da luta do movimento negro – que também promove a valorização do cabelo crespo – representam uma mudança na construção da identificação da comunidade afrodescendente brasileira, sendo perceptíveis individual e coletivamente.

No entanto, as tensões existentes nas relações etnicorraciais ainda se estabelecem de maneira cruel para o povo negro. Reconhecer e valorizar as próprias raízes potencializa, além da reafirmação da identificação, reações preconceituosas. Como Ratts (2006) expõe ao falar sobre a falsa democracia racial entre brancos e pretos no Brasil.

A todo o momento o preconceito racial é demonstrado diante de nós, é sentido. Porém como se reveste de uma certa tolerância, nem sempre é possível percebermos até onde a intenção de nos humilhar existiu. [...] Quando, entretanto, a agressão aflora, manifesta-se uma violência incontida por parte do branco, e, mesmo nestas ocasiões, “pensamos duas vezes” antes

de reagir [...]. De tal forma o preconceito racial contra o negro é violento e ao mesmo tempo sutil, que ele existe latente e muitas vezes vem à tona nas relações entre nós mesmos. Temos, vamos dizer, uma atitude de amor e ódio por nós mesmos; a presença, o confronto com o outro nos incomoda também. A democracia racial brasileira talvez exista, mas em relação ao negro inexistente. (RATTS, 2006, p. 94)

1.1 Empoderamento e ressignificação da identidade afro a partir do cabelo

No início dos anos 2010, o país viveu o crescimento de um novo processo de aceitação e empoderamento rotulado como o “boom” dos cabelos crespos. Muitas mulheres decidiram parar de fazer procedimentos químicos para o alisamento do cabelo ondulado, cacheado ou crespo e “assumir” os fios naturais. A mudança teve suporte, sobretudo, do movimento negro. Horochovski e Meirelles (2007) fazem uma breve definição sobre o conceito de empoderar.

Numa perspectiva emancipatória, empoderar é o processo pelo qual indivíduos, organizações e comunidades angariam recursos que lhes permitam ter voz, visibilidade, influência e capacidade de ação e decisão. Nesse sentido, equivale aos sujeitos terem poder de agenda nos temas que afetam suas vidas. (HOROCHOVSKI e MEIRELLES, 2007, p. 2).

A partir desse processo de emancipação e ressignificação, ainda em construção, também surgiram outros fenômenos que se fizeram relevantes para o debate, como a ascensão de blogueiras e influenciadoras digitais. Pela carência em mão de obra especializada para cabelos afro em salões e institutos de beleza, muitas mulheres decidiram criar e consumir conteúdos na internet como forma de trocar experiências e conseguir ajuda mútua. Personalidades como Rayza Nicácio e Mari Morena, com cerca de 1,6 milhão e 360 mil de inscritos no canal no YouTube, respectivamente, se tornaram referência neste nicho de cuidados capilares.

Outro aspecto semelhante foi o surgimento de diversos grupos e páginas na redes sociais para falar, além desta pauta, sobre transição capilar, que consiste no processo de interromper o uso de alisantes e esperar o cabelo natural crescer. Entre os participantes, em sua maioria composto por mulheres, geralmente se estabelece uma espécie de irmandade de apoio emocional e motivacional, além do compartilhamento de informações e dicas.

No âmbito comercial, empresas de cosméticos para cabelo enxergaram a crescente demanda do público e passaram a produzir produtos especializados que atendessem a isso. Logo, as prateleiras começaram a se transformar, dando início a um novo mercado de produtos capilares para cabelos naturais que antes era negligenciado. Novas técnicas de cuidados, como o Now Poo e o Low Poo, patenteados pela franquia Deva Curl, se

popularizaram e viraram tendência no setor.

Existente há mais de 20 anos, a Salon Line é uma das empresas brasileiras que, atualmente, mais investem em produção e marketing digital desses produtos. Em nota, a equipe do setor afirma que a corporação

se tornou referência em tratamento para cabelos cacheados e afros, ampliando sua expertise para atender a demanda dos mais diversos tipos de cabelo, inclusive dos lisos e cada dia mais inspira os seus consumidores em sua transformação pessoal. A Salon Line conta com próprio Laboratório de Pesquisa, Centro de Inovações e Tecnologia, que desenvolve produtos de alta qualidade e performance comprovada adequados para cada tipo de curvatura sendo lisos, ondulados, cacheados, crespos e crespíssimos. Entre as suas linhas de maior sucesso, a #todecacho é a primeira linha do Brasil a usar uma hashtag com o próprio nome, ultrapassando 2 milhões de seguidores somente na rede social do Facebook.

A comunicação da linha #todecacho, seja pela publicidade ou pela interação com o público consumidor nas mídias sociais, explora o tratamento dos produtos como uma forma de “atitude, identidade, amor próprio e empoderamento”, definindo a linha e o que ela representa não como uma tendência e sim uma filosofia de vida.

A revolução dos cabelos crespos também incentivou o surgimento de profissionais, salões e institutos de beleza especializados. Cada vez mais esse mercado foi reconhecendo o público em potencial que se restringia a cuidados caseiros por falta de opção.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2015, 53,6% da população brasileira é autodeclarada preta ou parda. Contudo, o racismo e o padrão de beleza branco europeu são características enraizadas na nossa cultura, deslegitimando outras estéticas e impondo um parâmetro dominante que define o que é bonito ou feio.

Outro elemento importante a ser considerado é a estrutura patriarcal e machista na qual nossa sociedade foi construída. As mulheres são mais cobradas e julgadas por conta da aparência, fazendo com que, muitas vezes, estabeleçam um relacionamento visceral entre corpo e mente. O cabelo é um elemento significativo dessa imposição simbólica, influenciando na feminilidade e na autoestima, além dos âmbitos pessoal – relações interpessoais e afetivas – e profissional.

Diante do exposto, o projeto *Kabelu* pretende abordar aspectos da cultura, identidade e consumo que circulam esse tema, discutindo a negritude através do cabelo afro com foco em mulheres negras. Além das três áreas centrais, foi realizada uma matéria de imersão jornalística com alunos africanos da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

2. JUSTIFICATIVA

Ao lado das culturas nativas, a cultura africana é especialmente importante na história dos países que foram escravocratas. É preciso considerar a influência africana nos conceitos estéticos dos colonizadores e a participação de sua cultura na formação da identidade dessas civilizações. (LODY, 2004, p.19)

O Brasil, como um país colonizado, recebeu uma rica variedade de culturas e povos que por aqui fincaram suas marcas. Por sua vez, a cultura africana estabeleceu grande influência na construção da identidade brasileira, como coloca Lody (2004), sendo o cabelo afro uma singular e expressiva característica dessa intervenção.

O cabelo se atribui de papéis que vão além da função biológica, “assumindo além de seu significado estético de sedução e vaidade, significados sociais, culturais, religiosos e políticos”, como descreve Santos (2015), de tal modo que “é assim que para muitas culturas, determinada forma de usar os cabelos traz leituras distintas”.

Definido por muitos como “a moldura do rosto”, o cabelo pode dar informações sobre as origens, pertencimento a grupos sociais e hábitos de uma pessoa, aproximando ou afastando indivíduos enquanto elementos de identidade corporal. Eles possuem uma grande capacidade de expressão simbólica vinculados a um contexto sociocultural (KING, 2015).

O posicionamento a partir do cabelo transcende a vaidade e a futilidade geralmente atribuídas a ele na cultura ocidental. Assim, entendendo o cabelo como corpo social, a valorização e o resgate das características afro pela estética são capazes de incentivar e promover transformações cruciais no processo de empoderamento. Gomes (2008) aponta para essa discussão ao refletir sobre como os novos fenômenos contribuem para “restaurar importantes elos entre o negro e a sua autoestima”.

Por mais que a escravidão e a diáspora negra tenham obtido sucesso na despersonalização do negro, por mais que a mistura racial tenha mesclado corpos, costumes e tradições e por mais que o contato com o branco tenha disseminado um processo de discriminação intra-racial entre os negros e introduzido uma hierarquização racial que elege o tipo de cabelo e a cor da pele como símbolos de beleza e feiúra, todo esse processo não conseguiu apagar as marcas simbólicas e reais que nos remetem à ascendência africana. O corpo, a manipulação do cabelo são depósitos da memória (GOMES (2008).

2.1. Formato

Para contemplar a amplitude dessa discussão, foi escolhido o formato multimídia. A intenção é aproveitar as diversas possibilidades que o assunto pode ser tratado, oferecendo elementos mais estimulantes para consumo do público.

Entende-se por formatos de linguagem multimídia convergentes, aqueles compostos por linguagem textual, sonora e/ou visual, como arquivos de

imagens em movimento e estáticas, representação textual e arquivos de som. São convergentes, por estarem dispostos de modo integrado, ou seja, em uma mesma janela e apresentando unidade informativa ou coesão (SALAVERRIA, 2005 em LONGHI, 2010, p.143).

No entanto, durante a produção do *Kabelu*, foram feitas duas escolhas de pautas transmídia, sendo a primeira um livreto de contos infantis e a segunda um perfil no instagram, que serão devidamente explicadas adiante. Ambas estão na plataforma principal, um site, hospedado no Wix.com, mas respeitam seus aspectos individuais de impresso e rede social.

3. KABELU

O presente trabalho de conclusão de curso se inspira em diversos conceitos e debates para falar sobre cabelo afro. A palavra “kabelu” vem do dialeto crioulo nigeriano que significa todos os tipos de cabelo, sem diferenciação de curvatura. O projeto *Kabelu* utiliza essa definição para representar diversos fios, mas, com o debate centrado nos povos afrodescendentes, contempla apenas cabelos não lisos.

A principal plataforma deste trabalho, como adiantado anteriormente, é um site hospedado no Wix.com (www.kabeluprojeto.wixsite.com/kabelu), dividido em em cinco partes: kabelu, cultura, identidade, consumo e redenção. Porém, com a existência de duas pautas transmídia, o *Kabelu* também se apresenta nos suportes impresso e na mídia social Instagram.

Para iniciar o processo de elaboração deste projeto, fiz uma série de pesquisas em artigos acadêmicos, redes sociais, livros literários, blogs digitais, além de conversar com pesquisadoras e futuras personagens das matérias. Algumas das autoras foram a Cassi Ladi Reis Coutinho, Nádia Regina Braga dos Santos, Lídia de Oliveira Matos, Sylviane Anna Diouf e Valéria Belém.

3.1 Inspirações

Ao entender a representação e a trajetória do povo negro como o caminho a seguir, o projeto gráfico editorial é baseado no movimento afrofuturista. Aliando elementos da ancestralidade e cultura africanas à ciência e tecnologia, o afrofuturismo se posiciona enquanto manifestação cultural. As cores, os elementos metálicos e o conceito de empoderamento foram absorvidos pelo projeto.

Figura 1 - Capas dos albúns *The ArchAndroid* (Suites II and III), de 2010, e *The Electric Lady*, de 2013, da artista Janelle Monáe.



Outro movimento artístico negro também serviu de inspiração para a concepção do *Kabelu*: o Blaxploitation. Com elementos visuais marcantes, pautados pela presença de diretores e atores negros, a manifestação é bastante característica da indústria cinematográfica norte-americana dos anos 70. O cabelo blackpower, as cores e as tipografias grossas são alguns dos elementos mais perceptíveis.

Figura 2 - Pôster do filme Black Dynamite (2009), de Scott Sanders.



3.2 Projeto Gráfico

Através de imagens afrofuturistas, foram definidas cinco cores primárias que se mesclam ao longo do projeto, além de mais dez cores secundárias complementares. São elas:

Figura 3 - Paleta de cores primárias.

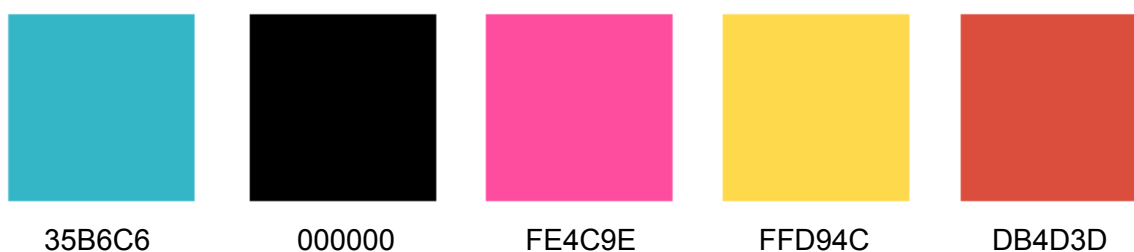


Figura 4 - Paleta de cores secundárias.



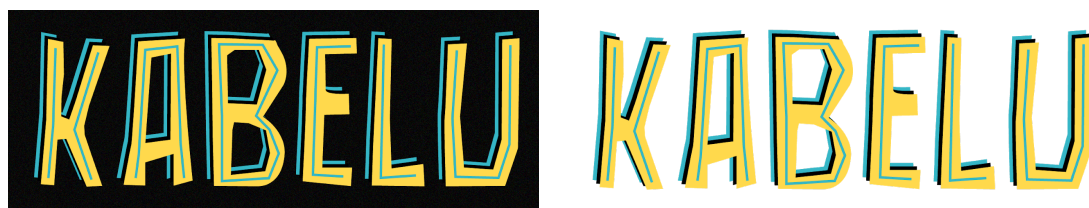
Cada parte do trabalho (kabelu, cultura, identidade, consumo e redenção) possui uma combinação de três cores primárias, sempre com a presença do preto, que faz uma classificação e separação das temáticas. Essa decisão visa organizar e dar coerência ao projeto, alertando visualmente ao público mudanças de conteúdos.

Para a logo, elaborada com a ajuda do colaborador Faruk Segundo, foram escolhidas as cores preta, amarela e azul. Inicialmente, ela foi pensada de uma forma mais sinuosa e desenhada, mas ao final se transformou em uma tipografia que se sobrepõe em três camadas, com fios preenchendo parte do seu interior. A fonte utilizada é a Subaccuz, que também aparece em outras ocasiões pertinentes.

Figura 5 - Primeiro esboço da logo.



Figura 6 - Logo final, com e sem fundo.



A paleta de cores desta logo determina parte da identificação visual da home. A seguir serão apresentadas as combinações das outras partes, que também definem cada temática.

Figura 7 - Combinação de cores da parte cultura.



Figura 8 - Combinação de cores da parte identidade.



Figura 9 - Combinação de cores da parte consumo.



Figura 10 - Combinação de cores da parte redenção.



Para os textos foram escolhidas as famílias tipográficas Rakesly para títulos, intertítulos e afins, pela estrutura semelhante ao Blaxploitation, e a Bodoni para corpos de texto, pela elegância e serifas que auxiliam na leitura. Complementando a identidade visual, temos a presença de ilustrações e iconografias que ajudam na navegabilidade e servem também como respiros para o conteúdo.

Figura 11 - Exemplos de iconografia.



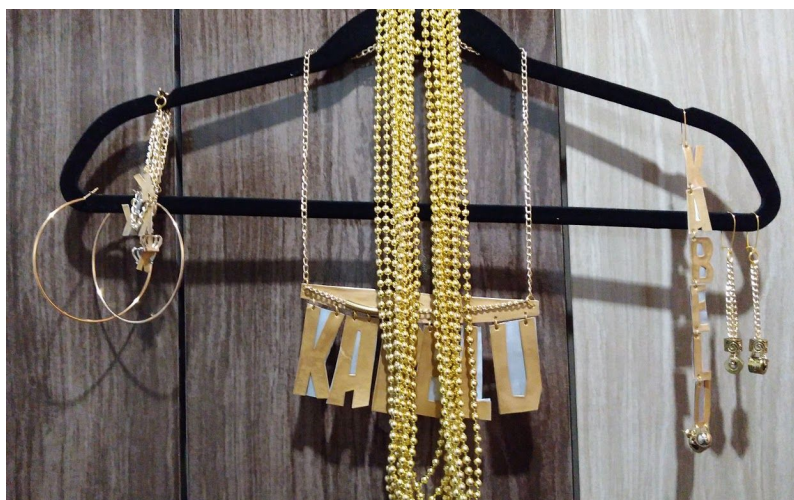
3.3 Divisões

KABELU: Na primeira parte, intitulada com o nome do projeto, estão presentes a home, o editorial, o expediente, os agradecimentos e a aba de contato. Ao ser aberto, o site mostra um vídeo produzido a partir do ensaio editorial com as modelos Dayane Farias, Gabriela Feitosa

e Luiza Nobel. Elas usam roupas inspiradas no afrofuturismo e feitas sob medida pelo Ateliê Sankofa, uma marca de roupas de moda africana que fez parceria com o *Kabelu*, além de acessórios exclusivos e personalizados com base na logo.

Para a confecção das tipografias que estão em três acessórios (brinco, colar e pulseira), feitos artesanalmente, foram utilizadas latinhas de alumínio moldadas, cortadas e pintadas com tinta dourada metálica.

Figura 12 - Acessórios confeccionados para o ensaio editorial.



Abaixo do vídeo, quatro ilustrações compõem um menu interativo que levam para as outras quatro partes do site (cultura, identidade, consumo e redenção). A página também conta com a sugestão de uma playlist de músicas populares da Guiné-Bissau, dando a opção de uma imersão cultural.

CULTURA: Na parte da cultura, uma linha do tempo, em um intervalo de cinco décadas (1970 à 2019), faz um levantamento de acontecimentos relevantes que exemplificam a representação de pessoas negras na mídia. São utilizados textos curtos, fotos e vídeos para contextualização.

Para dar respiros ao conteúdo, existem quatro informações paralelas, uma entre cada década. A primeira é uma seleção de quatro vídeos da empresa de narração de histórias CUT, que mostra a evolução dos padrões de beleza de pessoas negras em quatro países (Estados Unidos, Haiti, Quênia e Etiópia), durante 100 anos. A segunda é uma entrevista com a cantora, compositora, atriz e modelo cearense Luiza Nobel sobre a representação do negro na

mídia. A terceira é um apanhado histórico de todas as vinhetas da Globeleza, musa do Carnaval da Rede Globo. E o quarto respiro é uma entrevista, semelhante à feita com a Luiza Nobel, com a pesquisadora de cibercultura e relações etnicorraciais Tatiana Paz.

Colaborando com o projeto, o publicitário, quadrinista e ilustrador Davi Ferreira produziu três tirinhas inspiradas em cada temática (cultura, identidade e consumo) sobre conflitos de pessoas negras com os cabelos cacheados e crespos. Logo, na página cultura está presente a respectiva arte. Por último, um quiz fecha a página com perguntas sobre bons cuidados para cabelos cacheados e crespos.

IDENTIDADE: Para falar sobre questões identitárias, foi produzido o livreto infantil “Contos Para Crianças Pretas” com três histórias que abordam conflitos de crianças negras, pautados pelo cabelo. Além das histórias, a obra possui uma reportagem dedicada aos pais com estatísticas, dados, pesquisas e especialistas que mostra as desigualdades de etnicorraciais entre brancos e pretos no Brasil.

Na sequência, complementando a reportagem, está presente o curta-metragem “Os Cabelos de Yami”. O filme apresenta o primeiro dia de aula de uma menina negra, na nova escola, que busca aceitação dos colegas de classe.

Falar dos diferentes tipos de cabelos cacheados também é reconhecer a singularidade de cada fio. Com base no sistema desenvolvido pelo cabeleireiro Andre Walker, famoso por trabalhar para a apresentadora Oprah Winfrey, foi elaborada uma tabela com a classificação breve de cabelos não lisos, entre os mais conhecidos: 2ABC (ondulados), 3ABC (cacheados) 4ABC (crespos).

Além da tirinha, o site sinaliza a segunda pauta transmídia que acontece fundamentalmente no Instagram. O perfil (@kabelu.diariodetransicao) é fruto do acompanhamento do processo de transição capilar de uma mulher negra. O procedimento se baseia em interromper o uso de alisantes capilares e deixar crescer o cabelo natural. Durante seis meses, de janeiro a junho de 2019, estive com antropóloga Izabel Accioly, em encontros pontuais, para conhecer quais processos físicos, psicológicos e sociais envolvem e envolveram as suas duas transições.

Por meio de stories, no mesmo perfil, convidei quatro blogueiras do Ceará que produzem conteúdos sobre cabelos crespos e cacheados para falar sobre como se relacionam com os seguidores e abordam o tema nas mídias sociais. Dada a importância de

influenciadoras digitais para o processo de aceitação e autoconhecimento de muitas pessoas negras, também por meio do cabelo, se faz necessário tentar entender como elas se posicionam neste meio.

CONSUMO: Ao se tornar rentável, nasceu um novo mercado especializado nesses tipos de fios. A parte consumo busca dar dicas, tirar dúvidas sobre valores de cuidados capilares e entender a atuação da indústria de cosméticos dentro desse contexto.

O mapa crespo é resultado de uma compilação de salões, estabelecimentos e profissionais especializados em cabelos crespos e cacheados. Tentando democratizar o consumo de mulheres em diferentes condições financeiras, o mapa também fornece especialidades, contatos e, principalmente, preços variados. Foram reunidos pontos em três municípios: Fortaleza, Beberibe e Juazeiro do Norte.

Ter cabelos não lisos bem cuidados e saudáveis é acessível? Esse questionamento impulsionou a investigação de como mulheres distintas cuidam e gastam na hora de tratar o cabelo. Foram analisadas duas rotinas, uma mais intensa e outra menos rígida. Finalizando, há a terceira tirinha.

A página se completa com uma reportagem mais convencional sobre como as empresas agem e se relacionam com a pauta dos cabelos naturais não lisos. É feito um breve resgate histórico de produtos e publicidade voltados para os cabelos de mulheres negras, alinhado a uma narrativa de como se deu essa mudança de mercado que não valoriza apenas cabelos lisos. A linguagem com as clientes e o investimento em mídias não tradicionais, como a televisão, são alguns pontos em destaque. A matéria também conta com o auxílio de elementos extras, que são revelados através de ícones laterais.

REDENÇÃO: A parte de redenção foi idealizada como uma sessão especial, construída de acordo com as descobertas feitas durante viagens até a cidade de Redenção, no interior do Ceará. A intenção foi abordar a negritude e o cabelo afro na perspectiva dos alunos africanos da Unilab, relacionando diferenças e mudanças a partir da chegada ao Brasil.

A grande reportagem adota uma narrativa de diário de viagem, por meio de uma imersão jornalística, costurando impressões pessoais, dados, estatísticas, observações e um pouco da relação que estabeleci com o local e as pessoas. Entre os dias 7 a 10 de junho de 2018 e 8 a 10 de fevereiro de 2019, datas das duas viagens, foram formalmente entrevistadas 22

peças dos cinco países africanos que têm convênio com a Unilab: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe. O material é composto pela reportagem, um minidocumentário, uma crônica sobre o Museu da Senzala Negro Liberto, curiosidades, gráficos, fotos, vídeos e iconografia.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A representação e representatividade do povo negro na mídia e na sociedade ainda está longe do justo para alcançarmos a tão buscada democracia racial. A associação negativa com a pobreza, sexualização e criminalidade ainda persistem no universo midiático, apesar de inserções e destaques pontuais de negros em espaços de sucesso e ascensão. No entanto, as mudanças no tratamento de cabelos naturais cacheados ou crespos, a partir de um processo de valorização, possibilitou o autoconhecimento e a aceitação de muitas mulheres negras ao longo da década de 2010.

Olhando para si, elas começaram a questionar padrões estéticos, desde a infância, e ressignificar o conceito de beleza e bem-estar social. Nos cabelos, as mudanças acarretaram em um grande movimento nacional de abolir o uso de alisantes e se reconhecer dentro de um fenótipo negro, cacheado e crespo. Dessa forma, a mudança de olhar motivou tensões de cunho racista mas também posturas de resistência e círculos de acolhimento do povo negro. Assumir uma identidade negra se mostrou, mais uma vez, um processo lento, doloroso, complexo e cheio de conflitos pessoais e sociais.

Ao passo que essas transformações acontecem, dentro de um sistema capitalista, a indústria de cosméticos passou a legitimar os cabelos do povo negro enquanto um mercado lucrativo. A exploração dessa questão, pautada há muito tempo pelo movimento negro no Brasil, levou também representatividade para dentro das lojas, prateleiras e mercado de trabalho. Estabelecimentos, produtos e profissionais especializados em cuidados de cabelos não lisos começaram a ascender em uma tentativa de atender uma grande parcela da população que estava desassistida.

Dada a proximidade com a Unilab e a integração de alunos africanos no estado Ceará, se fez necessário investigar como essa comunidade se relaciona com os cabelos e lida com as diferenças culturais em terras brasileiras. Estar em um país miscigenado que ainda perpetua o racismo, além de constrangimentos, proporcionou a aproximação aos debates de desigualdade entre brancos e pretos.

Estudar, pesquisar e reconhecer temas que envolvem a negritude se faz extremamente necessário já que leituras, autores e pesquisadores pretos ainda representam uma parcela muito baixa dentro do universo acadêmico. Entendendo que as opressões mais cruéis afetam direta e indiretamente as mulheres, o presente trabalho de conclusão de curso foca principalmente nesse gênero.

O projeto *Kabelu* nasce para reivindicar espaço e protagonismo de mulheres negras, pautando esse recorte de etnia e gênero por meio dos cabelos não lisos. Entender as diversas esferas que atravessam o debate sobre o cabelo é uma tentativa de validá-lo dentro de outros campos discursivos para além da estética. Logo, a escolha de três grandes temas (cultura, identidade e consumo), além de uma matéria especial de imersão jornalística, tenta fazer essa abordagem de maneira ampla.

5. REFERÊNCIAS

ARBOINE, Niellah. **The History of Blaxploitation**. Disponível em <https://www.vice.com/en_uk/partners/blackkkklansman-under-the-hood/the-history-of-blaxploitation>. Acesso em: 16/06/2019.

ARRAES, Jarid. **Cabelos crespos como ferramenta política**. 2014. Disponível em <<https://www.revistaforum.com.br/digital/166/cabelos-crespos-sao-ferramenta-politica>>. Acesso em 03/12/2017.

BRASIL, Luiza. **Dossiê Afrofuturismo: saiba mais sobre o movimento cultural**. Disponível em <<https://www.geledes.org.br/dossie-afrofuturismo-saiba-mais-sobre-o-movimento-cultural/>>. Acesso em: 16/06/2019.

COUTINHO, Cassi Ladi Reis. **A Estética e o mercado produtor-consumidor de beleza e cultura**. 2011. Disponível em: . Acesso em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300661828_ARQUIVO_AEsteticaeomercadoProdutor-ANPUH11-2.pdf>. 10 jul. 2017.

DUARTE JUNIOR, João-Francisco. **O que é Beleza (experiência estética)**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

FIGUEIREDO, Ângela. **Beleza pura: símbolos e economia ao redor do cabelo negro**. 1998. 38p. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1998.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

HALL. Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7 ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2003.

_____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. DF Unesco UFMG; Brasília, 2003.

HOROCHOVSKI, R. R.; MEIRELLES, G. **Problematizando o conceito de empoderamento**. In.: II Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação e Democracia. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2007. Disponível em:

<http://www.sociologia.ufsc.br/npms/rodrigo_horochovski_meirelles.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2017.

JIMENEZ, Marc. **O que é Estética?** Rio Grande do Sul: Editora Unisinos (Coleção Focus), 1999.

RATTS, Alex. **Eu sou Atlântica, sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento.** São Paulo: Instituto Kuanza; Imprensa Oficial, 2006.

SANTOS, Emy. **O boom do cabelo crespo.** 2016. Disponível em <<http://entretenimento.ne10.uol.com.br/moda-e-beleza/noticia/2016/03/11/o-boom-do-cabelo-crespo-602003.php>>. Acesso em 03/12/2017.

SANTOS, Nádia Regina Braga dos. **Do Black Power ao Cabelo Crespo: A Construção da Identidade Negra Através do Cabelo.** 2015. Disponível em <http://myrtus.uspnet.usp.br/celacc/sites/default/files/media/tcc/artigo_nadia.pdf>. Acesso em: 03/12/2017.

Sâmia Martins

CONTOS PARA CRIANÇAS PRETAS

ilustrações **Faruk Segundo**



EXPEDIENTE

Produto desenvolvido junto ao projeto multimídia e transmídia “Kabelu”, apresentado para a Conclusão do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC), no ano de 2019.

Texto

Sâmia Martins

Ilustrações

Faruk Segundo

Projeto Gráfico

Sâmia Martins

Diagramação

Sâmia Martins

Orientação

Rafael Rodrigues

APRESENTAÇÃO

Vamos falar sobre infância, negritude e cabelo? O livreto “Contos Para Crianças Pretas” apresenta três histórias que abordam conflitos de pretinhas(os) a partir dos cachinhos e crespinhos, com base em acontecimentos reais.

A libertação dos “Nós de Nala” é algo digno de uma rainha, assim como o significado do seu nome na Tanzânia. Por meio de descobertas pessoais, a menina conseguiu ver quem realmente gostaria de ser.

Para Aduke, ser “Filha do Vento” mostrou como a vida pode ser mais interessante, independentemente do preconceito dos outros. No Brasil ou na Nigéria, país africano de onde vem o seu nome, ela percebeu como é muito amada.

Quando Kito decidiu sair debaixo da “Cajazeira”, ele encontrou uma nova realidade ao lado de pessoas especiais. Assim ele viu como é precioso, como o seu nome de origem nigeriana.

A edição é especialmente dedicada à Natthalia Lopes e Faruk Segundo, duas pessoas maravilhosas que se tornaram inspiração para a escrita desta obra. Dedico, com o mesmo carinho, este livreto a todas as crianças pretas que já passaram ou passarão por situações ruins apenas por serem quem são. Boa leitura!

Nós de Nala

Nala sempre foi uma menina muito esperta, desde pequenininha. Aos cinco anos já entendia que tinha a cor pretinha e isso nunca foi um problema para ela. Porém, algo parecia estar errado. No topo da cabeça, quatro nós prendiam seu cabelo. Sempre quatro, independentemente de onde fosse.

Quando chegava à praia, a alegria ao ver o mar era sempre a mesma, assim como os nós no cabelo também eram os mesmos. Nala não entendia porquê só o cabelo dela devia ficar amarrado, enquanto os das outras crianças dançavam no ar.

— Dá muito trabalho, pensava. De tanto ouvir da mãe, chegou a acreditar.

Quando Nala ficou um pouco maior, e os quatro nós também, percebeu que agora era ela quem os fazia. Estranhou e, de tão sabida que é, resolveu deixar só três. Naquele dia sentiu a cabeça mais leve. O que seria aquilo?

Na escola, a jovem Nala observava com admiração os cabelos lisos das colegas e eles também dançavam. Mas será que o seu, que não era liso, também conseguia dançar? Lembrou de quando desfez um dos nós, e assim passou a fazer apenas dois.

Quando seu tio Faraji ia visitá-la em casa, Nala passava horas e mais horas ouvindo as histórias que ele contava. Adorava o jeito com que o tio falava dos seus ancestrais, cheios de aventuras e sabedoria, mas também se impressionava com as dificuldades enfrentadas por dias melhores.



Em uma dessas visitas, depois que Faraji foi embora, ela estava se sentindo tão feliz que saiu correndo e pulando pela casa.

— O que tem essa menina? Perguntava o pai.

— Só pode ter molas nos pés, respondia a mãe sorrindo. Nala nem percebia que cada pirueta deixava cada vez mais frouxos os nós que, de dois, acabou restando só um.

No dia seguinte, a família toda decidiu ir à praia. E assim que colocou os pés na areia branca e fofinha, Nala só pensava em como amava aquele lugar. Logo decidiu entrar no mar e brincar na água, mas algo ainda não estava certo.

No meio de uma rajada de vento, arrancou o elástico do cabelo e, com ele, seu último nó. A menina ficou encantada com tantas molinhas dançando ao alcance dos seus olhos. Chamou a mãe para contar a novidade.

— Cadê o seu rosto, minha filha? Brincou a mulher.

Desde esse dia, o elástico ficou perdido na areia e Nala nunca mais quis achar nenhum outro. Agora ela dança por inteiro.



Filha do Vento

A traquinagem de Aduke era inconfundível. Ela vivia correndo e brincando de um lado para o outro, com tantas ideias na cabeça que parecia ter uma em cada cachinho. De tão interessada nas próprias aventuras, mal sobrava tempo para se preocupar com o que os outros falavam do seu cabelo.

— É tão bagunçado, né?! Dizia um.

— Se fosse menos armado, seria mais bonito. Talvez fosse melhor alisar de uma vez, sugeria outro.



Os comentários eram quase sempre negativos e, com o tempo, Aduke começou a pensar se aquilo era um problema. Será que o único cabelo que ela tinha estava com defeito? Sem conseguir respostas sozinha, a menina começou a acreditar que seria melhor mudar.

Lembrou que no desenho favorito a aventureira usava cabelos lisos, assim como a sua personagem favorita da novela. Pensou também no dia em que estava fazendo recortes e colagens com revistas, mas não conseguiu encontrar cachinhos para colocar no desenho que fez de si mesma.

Aduke estava convencida de que queria ir ao salão. Decidiu então pedir ao pai e à mãe, mas na hora lhe faltou coragem. E ela não entendia o porquê. Seus pais, que a amavam muito, pareciam ser os únicos a gostar dos cachinhos da pequena. Então, uma noite, antes de dormir, a menina resolveu perguntar para a mãe:



— Por que meu cabelo é assim? Falou, meio tímida.

— Assim como, meu amor? Questionou a mãe, surpresa.

— Todo enroladinho, arrepiado. Parece até que nunca me obedece...

E sem pensar duas vezes, a mulher respondeu:

— Foi presente de Iansã! Você também é filha dela e seu cabelo é uma herança.

A menina foi pega de surpresa. Apesar de muito sabida, aquilo era algo que ela nunca tinha escutado falar. Então, ouviu a mãe atentamente em cada palavra sobre a história da orixá, ficando impressionada com a sua força, inteligência e coragem. Aduke estava encantada.



— E os longos cabelos crespos e negros de Iansã? Ah, esses são tão lindos como os povos da África! Continuava a mãe com empolgação.

Naquele momento a pequena Aduke finalmente percebeu que não estava só. Ela era filha da rainha dos raios, furacões e vendavais, que faz balançar as árvores e os cabelos. Uma herdeira da intensidade do fogo e da eletricidade, com a beleza de um continente inteiro.

Naquela noite, depois que a mãe saiu do quarto, a menina mal conseguia pregar os olhos. Nada poderia deixá-la mais animada e ansiosa pela próxima aventura. Aduke nunca mais esqueceu a história de Iansã e nem de como o próprio cabelo é lindo. O coração daquela corajosa princesa estava em paz.



Cajazeira

Durante a infância, Kito ia bastante à casa dos tios e avós que moravam no interior. Seu passatempo favorito era brincar em um velho balanço de corda e madeira, que ficava ao pé de uma grande cajazeira. A enorme folhagem da árvore encantava o menino.

Como ele era tímido, adorava aquele lugar porque conseguia ficar sozinho ali. No balanço, também permanecia longe dos comentários sobre o seu cabelo, que não gostava de cortar. O menino ouvia muitas vezes as palavras “pixaim”, “ruim” e “assanhado” quando algum parente falava sobre os seus cachinhos.

Aos 11 anos, quando foi passar férias no sertão, algo mudou. Naquele ano, Kito conheceu sua futura melhor amiga, Niara. A família da garota tinha acabado de se mudar para a vizinhança dos avós do menino.

Os dois começaram a passar horas e horas subindo em árvores, pulando cercas, correndo e brincando no quintal da menina. Niara parecia não sentir vergonha de deixar solto os seus longos cabelos crespos, e isso chamava a atenção de Kito. A liberdade dela também o fazia se sentir bem.

— Que lindos cachinhos! Falavam sempre os pais de Niara para o garoto.

Foi na casa dela onde Kito recebeu os primeiros elogios ao seu cabelo. Lá o menino conseguia se sentir bem, sem precisar da ajuda de nenhum balanço. Era como se pudesse finalmente ser ele mesmo.

Certa tarde, voltando para o sítio dos avós, Kito ouviu algumas crianças rindo e zombando do volume do seu cabelo. Por um momento, o menino ficou muito triste e envergonhado, mas logo lembrou do que Niara disse uma vez:

— Às vezes, as pessoas podem ser ruins com a gente, mas isso não quer dizer que nós não somos bons.

Aquela memória o deixou melhor. Quando chegou ao sítio, ele foi direto para o balanço. Dessa vez o garoto não queria se afastar de ninguém, mas admirar a linda cajazeira. Ao olhar para cima, percebeu que sem todas aquelas folhas a árvore nunca seria a mesma.

De repente, se reconheceu. Kito sabia que precisava ser resistente como aquelas raízes para que pudesse crescer e ver a sua beleza. Com o tempo e uma dose de paciência, o menino foi se regando e virou como o seu próprio abrigo.

Aos pais

Por que a infância é mais dura para pessoas pretas?

Crescer é sempre difícil, mas é principalmente na infância que nos vemos diante de descobertas e conflitos que moldam nossa identidade de forma mais significativa. No entanto, quando falamos de pessoas pretas, esse processo acaba sendo ainda mais complicado devido a uma série de fatores históricos, culturais, sociais e políticos.

“A construção da identidade é desafiadora porque, por vezes, enxergamos o conflito entre o ser social imposto pela sociedade e a própria negação disso, por conta da cor de nossa pele”, relata a professora e estudante de Direito Louise Anne de Santana, 29. Como mulher, negra e moradora da periferia, ela aponta desafios que estão ligados às experiências comuns dessa população. A nossa sociedade exige “estudo e emprego como marcos de civilidade, prosperidade e socialização, mas por vezes não há o asseguramento dessas questões nas áreas periféricas, que é onde a maioria da população preta no Brasil reside”, assegura.

Em 2018, o Anuário Brasileiro da Educação Básica, realizado pelo movimento Todos Pela Educação, evidenciou que a desigualdade entre brancos e pretos no ambiente escolar ainda resiste. O levantamento mostra que 76% dos jovens brancos estão matriculados no Ensino Médio na idade certa, entre 15 e 17 anos, enquanto jovens negros representam 62% — uma diferença de 14 pontos percentuais. Outras pesquisas também apresentam resultados em que pessoas brancas têm os melhores indicadores:

Diferenças do salário médio do brasileiro em 2017



↑ 72,5% maior para brancos

Fonte: Phad Contínua 2017, IBGE

Taxas de homicídio em uma década (2006 a 2016)

+ 23%
para negros (pretos e pardos)

— 6,8%
para não negros (brancos, amarelos e indígenas)

Fonte: Atlas da Violência 2018, Ipea e FBSP

Desigualdade de renda em 2017

↑ 10% maiores rendimentos
26,3% são de pretos ou pardos

↓ 10% menores rendimentos
75,2% são pretos ou pardos

Fonte: Síntese de Indicadores Sociais 2018, IBGE

E o cabelo com isso?

O cabelo crespo no continente africano é um forte elemento da cultura, como explica a pesquisadora em relações étnico-raciais, mestre em Comunicação e militante do Movimento Negro Kalunga, Luizete Vicente. “Para a população preta, o debate sobre cabelo é muito forte. Quando você vai ver as mitologias dos orixás, sempre falam muito do cabelo, principalmente quando se conta a criação do mundo nas histórias das mulheres: Oxum, Iansã e Iemanjá”, pontua.

No entanto, ter um cabelo cacheado ou crespo nunca foi fácil no Brasil. Aqui, esse marcante traço da identidade e autoestima negra costuma sofrer constantes tentativas de desqualificação, principalmente por conta da escravidão, entre os séculos XVI e XIX. Quanto mais armado for, maior acaba sendo a discriminação, apesar das importantes conquistas do movimento negro brasileiro em relação ao tema. Assumir o afro natural começou a ser algo mais aceito, dentro de um certo padrão de estética, mas não menos desafiador.

Em relação às referências de mundo de crianças negras, Luizete Vicente fala como elas não costumam se ver representadas. Geralmente, na escola o negro só é visto nos livros didáticos em que se fala de história da escravidão. Nos programas infantis mais conhecidos do Brasil, dos anos 1980 aos 2000, as apresentadoras eram todas brancas. Como também nas novelas, em que pretos não costumam ter papéis de destaque positivo, assumindo estereótipos de bandido, malandro, favelado e empregado doméstico.

Pensando nessas questões, junto à produtora audiovisual Rebeca Barbosa, Luizete dirigiu o curta-metragem “Os Cabelos de Yami”. Lançado em 2018, o filme é uma ficção que narra o primeiro dia de aula de uma menina negra que pretende buscar, na nova escola, a aceitação dos cabelos crespos pelos colegas de classe. “Na infância, a criança está construindo a ideia sobre o mundo e aí, de repente, ela é bombardeada com um monte de coisas dessas e fica com dúvida sobre o cabelo, o nariz, a boca dela. Tudo isso vai moldando a identidade”, ressalta.

Impresso em papel

KABELU